

---

## **OS JOVENS DO QUILOMBO DOS ALPES NO DUELO ÉTICO-ESTÉTICO: IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E O LUGAR**

**Gisele Santos Laitano**

Doutoranda em Geografia - UFRGS

[giselelaitano@gmail.com](mailto:giselelaitano@gmail.com)

### **Resumo**

A pesquisa é sobre as identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes, localizado em Porto Alegre/RS. Entende-se que os jovens do Quilombo dos Alpes participam do duelo ético-estético, existente em Porto Alegre, jogando o jogo das identidades, através do corpo racializado. Nesta participação elaboram suas identidades territoriais, que acionam vínculos com o lugar e demarcam territórios.

Palavras-chave: duelo ético-estético, identidade, quilombo.

### **Abstract**

The research is about the identities of the young people from Quilombo dos Alpes (Brazilian hinterland settlement founded by people of African origin) in Porto Alegre/RS. It is understood that those young people participate in an ethical and aesthetic duel which exists in Porto Alegre, playing the game of the identities through the racialized body. In this participation they develop their territorial identities that establish links with their place and mark territories.

Keywords: ethical and aesthetic duel, identity, quilombo.

### **1. INTRODUÇÃO**

O tema desta tese, a qual encontra-se em processo de elaboração, é as identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes, localizado na cidade de Porto Alegre/RS. A tese é que os jovens do Quilombo dos Alpes participam do duelo ético-estético, existente na cidade de Porto Alegre, jogando o jogo das identidades, através do corpo racializado. Nesta participação, elaboram suas identidades territoriais, que acionam vínculos com o lugar e demarcam territórios, territorialidades que expressam suas vivências e juízos.

A pesquisa procura analisar como a construção das identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes insere-se e é reveladora deste duelo ético-estético. Entende-se que os grupos sociais, no caso, os jovens, elaboram suas espacialidades cotidianas (geograficidades) e que essas são significativas para a constituição de suas identidades e seus vínculos com o lugar. O que se propõe, na pesquisa, então, é interpretar como os jovens jogam o jogo das identidades, perpassados pelos pertencimentos étnico-raciais, elaborando identidades que se alimentam de territórios e lugares.

## 2. O QUILOMBO DOS ALPES

O Quilombo dos Alpes está localizado entre os bairros Cascata e Teresópolis, na chamada região da Grande Glória, ficando distante 10 km do centro histórico de Porto Alegre/RS; logo, constituiu-se em um quilombo urbano.

Segundo Gehlen (2007), o pleito pela titularização das terras iniciou-se em 1995, com a formação da Associação Quilombola Dona Edwirges, revelando a interação do grupo com a atual conjuntura legal e política para a concretização do artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988. Tal relatório é etapa imprescindível do processo de titularização das terras.

Gehlen (2007) evidencia que Dona Edwirges foi a primeira a ocupar o território vivido pela atual comunidade quilombola dos Alpes, ao mesmo tempo em que ela é o mito fundador do quilombo e base das relações de parentesco da comunidade. O Quilombo dos Alpes reproduz-se naquele território através da “[...] memória coletiva, o parentesco, a religiosidade, os laços de solidariedade étnica e a relação indissociável com aquele território [...]” (GEHLEN, 2007, p. 7).

Na coletânea “Memória dos Bairros – a Grande Glória”, encontram-se relatos de Edwirges e da vida nesses tempos:

Quando eu vim para cá era tudo mato. Eu tinha que ir abrindo assim, senão molhava a gente tudo. Ficava toda molhada do mato. Tinha só aquelas estradinhas curtinhas, pra gente entrar nas casinhas e a minha era lá pra cima. Eu vim de longe para cá. Cheguei aqui e não tinha casa, ninguém morava aqui, só eu, sozinha. Aí eu disse assim: o que eu vou fazer no meio desse mato. Esperando nenê eu fiquei. Eu trabalhei ali e subia isto aqui de noite, depois que eu arrumava a cozinha. Não tinha ninguém pra me buscar. Ai eu fui morar mais em cima, agarrei a casinha que eu entrava de quatro pé, uma casinha de vassoura. Não tinha coberta. Era um capão de mato. Eu entrava por aquele mato pra trazer o que comer para as minhas crianças. Que eu ia fazer? Agarrei e fiquei lá no mato. Aí meu marido morreu e eu fiquei sozinha. Terminei de pagar o terreno. Às vezes tinha o que comer, às vezes não tinha. Às vezes eu saía pela casa dos outros, pedia uma coisa ou outra. Esses meus filhos pediam comida. E eu sentada no mato. Não tinha saída. Eu não tinha pra dar. Chorava eu e chorava os filhos. Que eu ia fazer? Um dia saí desatinada no meio do mato e encontrei a casa ali, daquele casal de velhos. Eu entrei, lavei a casa e eles me deram cinqüenta mil dos antigos. Com ele eu fui lá no armazém, subindo pelo mato mesmo, pra comprar comida para os meus filhos. Naquele puxadinho eu ganhei os meus filhos. Não tinha roupa pra vestir eles, não tinha nada, enrolei ele num pano, cortava o umbigo. Ganhei sozinha no meio do mato. Ganhei os outros embaixo de duas árvores, pegando sombra. Minhas irmãs eram tudo pobre. O que eu ia fazer na casa delas, passar mais trabalho – eu não tenho mais irmãs, nem pai, nem mãe. Só eu que existo. Se Deus me levar, eu vou sozinha por que não tem mais ninguém. (BARCELLOS et al., 1995, p. 106).

É um relato carregado de emoção e que evidencia sua relação com o lugar, bem como o conhecimento que detinha do mesmo. Gehlen (2007) aponta que a identidade étnica da comunidade do Quilombo dos Alpes está assentada na memória e referências do grupo à Dona Edwirges. Dona Edwirges é a figura central no que diz respeito à ancestralidade da comunidade, nos conhecimentos dos lugares de memória, na distribuição da parentela de Dona Edwirges pelo território que ocupam hoje a parte da área reivindicada, bem como na relação que a comunidade apresenta com o território, na religiosidade e na relação entre o grupo quilombola e os outros, definidores da fronteira de grupo (GEHLEN, 2007, p. 51 e 52).

### **3. PROBLEMATIZAÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO**

Essa pesquisa filia-se a uma Geografia Humanista, em uma perspectiva ampla, porque sua ênfase é nas relações cotidianas, na demarcação de territórios e nos vínculos com o lugar, que os sujeitos - no caso, os jovens do Quilombo dos Alpes – estabelecem, ao participarem do duelo ético-estético.

O entendimento é que o duelo ético-estético se refere a uma gama de transformações existentes no mundo contemporâneo. A existência do duelo não parte do pressuposto de que se está frente a duas posições ou que existe uma dicotomia; mas relaciona-se diretamente ao fato de que a uma ética e a uma estética hegemônicas se sobrepõem outras éticas e outras estéticas. Ter tal perspectiva permite indagar: como os jovens do Quilombo dos Alpes jogam o jogo das identidades, num cenário marcado pelo duelo ético-estético? Como demarcam seus territórios e expressam seus vínculos com o lugar, ao participarem do duelo ético-estético? Como o ético-estético aparece no jogo das identidades, realizado pelos jovens do Quilombo dos Alpes? Como o pertencimento étnico-racial, dos jovens do Quilombo dos Alpes, perpassa o duelo ético-estético, existente em Porto Alegre?

As dimensões existenciais da ética e da estética incidem na construção do espaço geográfico. A ética e a estética, aqui referidas, são as conceituações elaboradas por Maffesoli (1987), Guattari (1992) e Deleuze e Guattari (1995).

A partir da conceituação desses autores, tem-se a compreensão de que há um duelo ético-estético, na cidade de Porto Alegre, e que os jovens do Quilombo dos Alpes são sujeitos desse duelo. Ao serem sujeitos no duelo, eles jogam o jogo das identidades.

Hall (2000), partindo da concepção de sujeito fragmentado, afirma que há um jogo das identidades. Seus argumentos são de que as identidades são múltiplas e se deslocam mutuamente e de que não há uma identidade fixa que nasce e acompanha o sujeito até a morte. Nenhuma das identidades se sobrepõe, de forma única, sobre as outras, pois há uma

emergência de novas identidades, de tal forma que a identidade muda, conforme o sujeito é interpelado ou representado.

É a partir dessas considerações que se pode pensar no jogo das identidades no mundo contemporâneo. No caso desta pesquisa, pretende-se entender como os jovens do Quilombo dos Alpes participam desse jogo, acionando as múltiplas identidades com a possibilidade da criação de outras. Em especial, a análise desse jogo parece interessante, quando estão em curso os processos de titularização do Quilombo dos Alpes e, ao mesmo tempo, intensificam-se os processos relacionados à sociedade de consumo.

O jogo das identidades é jogado através do corpo racializado. Assim, os conceitos de raça e etnia são fundamentais nesta pesquisa. Raça e etnia são conceitos que importam, por estarem operando nas relações sociais e fundarem discriminações, preconceitos, estereótipos, ações e pensamentos pejorativos. Considera-se, aqui, Weber (1999) para conceituar raça e etnia. Para esse autor, a raça está fundada na comunidade de origem, toma a aparência exterior, a qual é herdada e transmissível pela hereditariedade, pelo parentesco biológico. A etnia, ou grupo étnico, está assentada na crença subjetiva na comunidade de origem, daqueles pertencentes ao grupo. A crença na afinidade de origem pode estar baseada na aparência externa, na língua, na religião, na comunidade política, nos costumes, nas lembranças do passado, onde os laços de sangue pouco importam.

A participação dos jovens do Quilombo dos Alpes, no duelo ético-estético, existente em Porto Alegre, ocorre através do corpo racializado. Concorde-se com Gilroy (2007) que afirma que o corpo foi racializado através da educação do olhar.

Por outro lado, é possível indagar como esse processo de racialização tem resultado em pertencimento étnico-racial, o que, nos termos desta pesquisa, é pensar em como o pertencimento étnico-racial entra no jogo das identidades que os jovens do Quilombo dos Alpes jogam, através do corpo racializado. Como o pertencimento étnico-racial é atravessado por outros elementos identitários (gênero, geração, classe)? Como as questões étnico-raciais são deslocadas e rearranjadas, pelos atuais processos globais, em especial ligados à sociedade de consumo, para os jovens do Quilombo dos Alpes?

A conceituação de território, nesta pesquisa, é a perspectiva integradora. Nesta, o território abarca as dimensões política, econômica e cultural, sendo perpassado pelo poder. O território é visto como dinâmico, multidimensional, multiescalar e associado aos sujeitos que o promovem (COSTA, 2004).

Isto remete a pensar sobre o que, do território remanescente de Quilombo dos Alpes, está presente, quando seus jovens participam do duelo ético-estético, existente em Porto Alegre. Além disso, questiona-se: como aparecem as questões econômicas e as questões políticas, em especial quando o momento é o de titularização do quilombo? E as questões simbólicas, tanto a que remete à ancestralidade do território, quanto as atuais.

A concepção em torno do conceito de lugar é a apontada por Santos (1999). O conceito de lugar emerge e traz novos significados, remetendo a uma análise do cotidiano e, portanto, do mundo vivido, onde a comunicação, a socialidade, a proximidade, a vizinhança e a co-presença são a base da vida em comum. Tais conceituações permitem pensar em como os jovens do Quilombo dos Alpes constroem, no seu cotidiano, em suas trajetórias espaciais e territórios compartilhados co-presenças, solidariedades e laços culturais? E como isso passa a fazer parte do duelo ético-estético do qual os jovens participam?

#### **4. NÚCLEOS TEMÁTICOS DA PESQUISA**

Essa pesquisa está organizada em núcleos temáticos, os quais são perpassados por ideias norteadoras. Os núcleos temáticos são: identidade, demarcação de territórios e vínculos com o lugar; trajetórias espaciais cotidianas; jogo das identidades; pertencimento étnico-racial; duelo ético-estético; corpo racializado e vivências e juízos.

O núcleo temático *'identidade, demarcação de territórios e vínculos com o lugar'* é composto pelas seguintes ideias norteadoras: 1) no processo de elaboração da identidade territorial, o qual necessita de uma base espacial, os jovens do Quilombo dos Alpes demarcam territórios e acionam vínculos com o lugar; 2) a demarcação de territórios pode ser compreendida de duas formas. Na primeira forma, pode-se pensar a demarcação simbólica e a demarcação física dos territórios. Na segunda, considera-se a demarcação temporal do território, em termos do passado, do presente e do futuro. Em termos do passado, a demarcação do território remete à África, ao período escravocrata brasileiro e à matriarca do quilombo, Dona Edwirges. No tempo presente, a demarcação do território constitui-se, a partir do processo de demarcação e delimitação física do Quilombo dos Alpes, das políticas de ações afirmativas, em curso no Brasil, que estão resultando na titulação das terras quilombolas, conforme a Constituição Brasileira em vigor. A demarcação do território remete a tentar garanti-lo no futuro, o que significa a manutenção da identidade do passado. Esta identidade será, então, 're-lançada' no futuro, elaborando a possibilidade de construção de singularidades, que façam frente aos processos homogeneizantes. Esse passado 're-lançado' no futuro contém elementos do presente; portanto, não pode ser visto como algo essencial; 3) os vínculos dos jovens do Quilombo dos Alpes com o lugar são constituídos por laços culturais e redes de solidariedade de que eles participam. São pautados pela presença de inter-relações, construídas num território compartilhado cotidianamente, onde são evidenciadas as relações de proximidade e vizinhança, os enfrentamentos das dificuldades da vida e as lutas comuns. Esses vínculos configuram-se pela criatividade, pelo senso de identidade e pela importância da comunicação nas relações.

O núcleo temático *'trajetórias espaciais cotidianas'* tem o sentido de que é pela trajetória espacial cotidiana que os jovens do Quilombo dos Alpes se inserem na cidade, onde elaboram processos de singularizações existenciais ou não, onde vivem e negociam socialmente suas identidades.

As orientações do núcleo temático *'jogo das identidades'* são: 1) os jovens do Quilombo dos Alpes jogam o jogo das identidades no cotidiano, acionando a multiplicidade da identidade; 2) os jovens do Quilombo dos Alpes não estão encarcerados em identidades fixas ou imutáveis, dadas pelo nascimento ou construídas nas relações deles com a sociedade. Nos jovens do Quilombo dos Alpes, há identidades contraditórias, cambiantes, fragmentadas e inacabadas, ou seja, eles não estão restritos a uma única identidade, mas participam de identificações sucessivas, sendo que não há relação de necessidade entre uma identidade e outra; 3) a identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes é aberta a novas possibilidades, ou seja, à criação de novas identidades; 4) a identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes é deslocada cotidianamente.

O núcleo temático *'pertencimento étnico-racial'* guia-se pelas seguintes concepções: 1) a questão do pertencimento étnico-racial, em especial, aquela ligada à afro-descendência e negritude, está na agenda do Estado brasileiro, através das diferentes ações das políticas afirmativas (cotas para ingresso nas universidades públicas, cotas para ingresso no serviço público, titulação de terras quilombolas, obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", no currículo oficial da Rede de Ensino, entre outras); 2) no processo de titulação das terras das comunidades quilombolas, são levadas em conta as relações de pertencimento étnico-racial dessas populações; 3) o pertencimento étnico-racial é um dos elementos que constituem/constroem as identidades; 4) este é um dos dispositivos que compõem o processo de identificação dos jovens do Quilombo dos Alpes (na criação de identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes). Este aspecto, portanto, não atua sozinho, isolado ou soberano, na criação de identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes, mas se cruza e se desloca, continuamente, sobre outros elementos (em sobredeterminação). Questões de sexo/gênero, idade/geração e classe também são fatores que se entrelaçam, no processo de constituição de identidade.

O núcleo temático *'duelo ético-estético'* encaminha-se pelas seguintes ideias: 1) há um duelo ético-estético, na cidade de Porto Alegre, que tem se evidenciado pelas políticas territoriais no meio urbano, as quais são produtoras da segregação espacial; 2) a existência de um território de quilombo urbano, em Porto Alegre, constitui-se na contramão dos grupos hegemônicos desse duelo ético-estético, pois o quilombo em questão envolve um território e um lugar que evidencia uma diferença, onde o discurso hegemônico se fragiliza; 3) ao participarem do duelo ético-estético, os jovens do Quilombo dos Alpes se inserem como sujeitos na cidade, e não como grupo subalterno. Ganham visibilidade, marcam sua

diferença e afirmam-se como sujeitos em ação, no mundo contemporâneo; 4) a segregação espacial não é produtora de pessoas subalternas ou alienadas, porque, ao participarem do duelo ético-estético, os jovens se inserem como sujeitos na vida da cidade.

E as orientações do núcleo temático '*corpo racializado*' são: 1) hedonismo e prazer são características da sociedade contemporânea; nesse contexto, o corpo emerge como certeza; 2) no jogo das identidades, realizado pelos jovens do Quilombo dos Alpes, as identidades são negociadas cotidianamente, através do corpo racializado; 3) o corpo é racializado através de dois processos. O primeiro é o processo histórico, dado pela exploração colonial e escravidão europeia na África, a qual se assentava na diferença denominada de racial. No segundo processo, a racialização do corpo (o corpo racializado) é tomada pelos movimentos negros, de tal forma que a ideia de raça, usada para justificar a escravidão dos povos africanos, pelos europeus, é empregada pelo avesso, como signo de identidade e de uma diferença positiva. Assim, o que era estigma, o corpo racializado, passa a ser elemento central da negociação no jogo das identidades, presente no duelo ético-estético existente em Porto Alegre, do qual os jovens do Quilombo dos Alpes participam.

## **5. JUSTIFICATIVA**

A perspectiva com que se quer contribuir, nesta pesquisa, implica captar o jogo das identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes. Não se objetiva produzir homogeneizações ou modelos essencializantes de cultura, pois "A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de 'pertencimento cultural', mas abarcar os processos mais amplos [...]" (HALL, 2003, p. 47). Assim, acredita-se poder contribuir, neste ponto específico, para o aprofundamento da discussão da questão cultural, na ciência geográfica, em particular em torno do étnico-racial; pois, para pensar o espaço, impõe-se (não de forma exclusiva) pensar a cultura; logo, as relações entre espaço e cultura.

As relações entre espaço e cultura, sobre as quais me proponho a refletir, têm como concepção que *o que se fala sobre o espaço* está profundamente imbricado no *como se fala das pessoas*. Neste sentido, esta pesquisa implica uma abordagem que tenha o sujeito como estruturante do texto, ou seja, no centro do debate. A intenção é estabelecer um diálogo, que, ao dar voz para esses jovens, permita elaborar uma análise espacial. Esta análise, não sendo exclusiva do nível econômico, precisa considerar aquilo que tanto Stuart Hall (2003) quanto Félix Guattari (1999) apontam, ou seja, que as emoções, os sentimentos, os psiquismos e as singularidades – logo, a subjetividade - não se dão fora, mas dentro e em conjunto (em sobredeterminação) com as formações socioeconômicas, nas quais os sujeitos se inserem. Neste sentido, ressalta-se o fato de que a sobrevivência à experiência

de classe e de cor, dependendo de como ela ocorre, pode destruir uma pessoa subjetivamente.

Esse conjunto de ideias remete a Milton Santos (1999), que proporciona olhar o lugar, como o palco das possibilidades dos sujeitos. Isto é possível, tanto no aspecto mais dolorido e destrutivo da subjetividade, que parece se encontrar na produção de alienações, quanto no que diz respeito à possibilidade de criações, as quais atuam sob rasura e sobredeterminação. Essa perspectiva é enfatizada por Félix Guattari e Suely Rolnik (1999), no sentido de que não há somente alienação ou só singularizações, mas um entrelaçamento entre ambas e margens de possibilidades: “Há processos de singularização em práticas determinadas, e há procedimentos de reapropriação, de recuperação, operados pelos diferentes sistemas capitalísticos” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 23).

Assim, a partir de Paulo Freire (1983), este estudo se propõe a estabelecer um diálogo com os jovens do Quilombo dos Alpes. Trata-se de um diálogo, cuja possibilidade se evidenciou durante o trabalho como professora de Geografia, em situação de sala de aula no ensino formal, na EMEF Gabriel Obino, em Porto Alegre/RS. Na época, alguns alunos questionavam, se eu “conhecia o quilombo que tem lá em cima”. Não estariam esses alunos levando “[...] a ‘cultura’ a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada” (HALL, 2003, p. 133)?

O objeto desta pesquisa se depara com uma história e uma geografia marcadas “[...] pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas” (HALL, 2003, p.30), onde a “[...] terra não pode ser ‘sagrada’, pois foi ‘violada’ – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar” (HALL, 2003, p. 30). Acredita-se, então, que conhecer os jovens da periferia (no caso, os jovens do Quilombo dos Alpes), um grupo social profundamente frágil, na estrutura da sociedade brasileira (no sentido da baixa escolarização, baixa qualificação para o trabalho, vítimas e protagonistas da violência urbana), é alimentar políticas públicas, produzindo um conhecimento que respeita e dialoga com o grupo.

O diálogo que se procura estabelecer com o grupo é a partir de um lugar específico, ou seja, considerando que “Todos nós nos originamos e falamos a partir de ‘algum lugar’: somos localizados [...]” (HALL, 2003, p. 83), onde o mapeamento do jogo da diferença-semelhança faça diferença, já que “[...] não entendo uma prática que tenta fazer uma diferença no mundo que não tenha alguns pontos de diferença ou distinção a definir e defender” (HALL, 2003, p. 202). Neste sentido, comunga-se da proposta de Hall, que afirma: “Deve-se tentar construir uma diversidade de novas esferas públicas nas quais todos os particulares serão transformados ao serem obrigados a negociar dentro de um horizonte mais amplo” (HALL, 2003, p. 87). Essa perspectiva é encorajada por Milton Santos (2000),

que afirma a necessidade de se construir relações sociais, pautadas pela solidariedade, e não pela perversidade. Isso significa que, ao contribuir-se para um alargamento e construção de novas esferas públicas, contribui-se para o afastamento da perversidade do comando do mundo, pois, é pela esfera pública que se pode ter os diferentes grupos sociais representados e em convívio, o que não significa a eliminação dos conflitos e diferenças.

Nesta pesquisa, pretende-se não produzir um fechamento em torno de significantes como raça ou etnia, ou até mesmo juventude. Estes conceitos são importantes, apenas para contribuir, no sentido de uma perspectiva de mudança do lugar social destinado a esses jovens, ou seja, de transformação molecular e construção de singularidades<sup>1</sup>. Como afirma Glória Diógenes (1998, p. 162), “A juventude é o segmento que mais catalisa as tensões sociais como também as exterioriza: *a juventude é a vitrine dos conflitos sociais*”.

Assim, através de um esforço de análise, objetiva-se unir a questão étnico-racial e as de juventude, estabelecendo a sua espacialidade, através da interpretação das identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes.

A espacialidade que se quer buscar tende a se revelar na pesquisa de campo, seguindo a trilha dos jovens do Quilombo dos Alpes, nas suas trajetórias cotidianas. Assim, será possível “[...] pensar tanto a especificidade de práticas diferentes como as formas de unidade articulada que constituem” (HALL, 2003, p. 157); e mapear o jogo das identidades; e evidenciar o duelo ético-estético. Ao mesmo tempo, espera-se que, ao acompanhar e estabelecer diálogo com os jovens, consiga-se ter “[...] o efeito teórico de nos forçar a abandonar as construções esquemáticas de como as classes *deveriam* se comportar politicamente, num nível ideal abstrato, em vez do estudo concreto de como elas *de fato* se comportam, em condições históricas reais” (HALL, 2003, p. 330).

Esta perspectiva é alimentada pelas considerações de Milton Santos (1999). Esse autor ensina que, assim como no lugar os sujeitos vivem alienações e inautenticidades, ocorrem produções criativas. Aí é que estão as potências da transformação, ou, mesmo, de mudanças do destino social imposto aos jovens moradores das periferias brasileiras. Vale lembrar, conforme Pochmann e Amorin (2003), que os atuais problemas sociais brasileiros, em especial aqueles vividos pelos jovens, estruturaram-se em longos processos históricos de exclusão social. Esses processos foram agravados pelas políticas neoliberais,

---

<sup>1</sup> Estão implicadas aqui as ideias de Guattari (1999), quando ele afirma que as sociedades capitalistas fabricam subjetividades correspondentes às classes (às elites, aos assalariados e à massa dos não-garantidos), mas opõe a essa subjetividade capitalista a possibilidade de desenvolver singularidades, ou seja, “[...] ‘processos de singularização’: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos” (GUATTARI, 1999, p. 17).

implantadas a partir dos anos de 1990, quando se evidenciou o encolhimento das políticas sociais, deixando a descoberto, e lançadas à sorte do mercado, amplas parcelas da população brasileira.

A pesquisa constitui-se em subsídios para políticas públicas, desenvolvidas pelo Estado. O conhecimento das espacialidades, presentes no território brasileiro, no sentido do conhecimento dos jovens moradores do Quilombo dos Alpes, é fundamental para que sejam enfrentados os discursos e ações contrários à titulação da terra às comunidades quilombolas. Conhecer as identidades juvenis, que interagem com os diversos processos, presentes no mundo globalizado, é garantir ações públicas, que apontem tanto para a manutenção da terra titulada, quanto para uma inclusão qualificada desses jovens na cidade. Isto deve ser feito de tal forma, que território e lugar sejam alavancas de singularizações, e que tais singularizações não venham a ser perdidas frente à sociedade de consumo e seus processos homogeneizantes.

Além disso, a pesquisa pode contribuir com os movimentos sociais ligados aos negros e à juventude, revelando uma visão de dentro.

É necessário enfatizar que:

- a pesquisa coloca-se como contribuição legitimadora da titulação da terra dos remanescentes do Quilombo dos Alpes. Com vistas à garantia da permanência futura no Quilombo dos Alpes, uma das primeiras ações é saber quem são os seus jovens;

- compreender a identidade territorial, a demarcação de territórios e os vínculos com o lugar, entre os jovens do Quilombo dos Alpes, é afirmar uma perspectiva de Geografia que relaciona as questões materiais e as imateriais (ou simbólicas);

- pela análise das trajetórias espaciais cotidianas dos jovens serão evidenciadas as diversas relações que os jovens estabelecem com a população de Porto Alegre (os não-quilombolas). Os jovens não estão restritos ao espaço físico do quilombo. Inserem-se na cidade, participando da identidade da mesma;

- pelo jogo das identidades, realizado pelos jovens, será possível mostrar negociações e conflitos, pois só negocia e entra em conflito aqueles que são sujeitos. Isto se evidencia, embora as populações moradoras das áreas de periferia urbana, em Porto Alegre, sejam, muitas vezes, ignoradas como fazendo parte da cidade, ou vistas na esfera política como clientes, ou como grupos dominados e alienados;

- a reflexão sobre o pertencimento étnico-racial dos jovens justifica-se pela retomada daquilo que foi estigma e agora é fator de agregação e valorização, de identidade. Esse aspecto, contudo, não se autoexplica, atua em sobredeterminação com outros elementos identitários, em especial os de classe;

- ao participarem do duelo ético-estético, os jovens marcam uma diferença, expõem suas escolhas, opções, valores;

- 
- com o corpo racializado, condição insubstituível que acompanha aos jovens, será evidenciado o quanto a cor da pele é um marcador e estruturador das relações sociais;
  - interpretar vivências e juízos é afirmar que os jovens se constroem cotidianamente como sujeitos.

Para desenvolver a pesquisa é necessário a elaboração do conceito de espaço geográfico, feita por Milton Santos, ou seja, “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de sistemas de ações, não consideradas isoladamente, mas como quadro único no qual a história de dá” (SANTOS, 1999, p. 51). Milton Santos inclui, nesta conceituação, as ações do campo do simbólico, aquelas em que estão incluídas o afeto, o emocional, o ritual, as formas de significação e de representação.

## 6. METODOLOGIA

Os núcleos conceituais dessa pesquisa organizam-se em eixos teóricos, cujas temáticas são: o duelo ético-estético, identidade, pertencimento étnico-racial, território e lugar. Vivência e juízo são considerados eixos teóricos transversais, no sentido de perpassarem aos citados acima. Para cada eixo teórico, incluindo os eixos teóricos transversais há um conjunto de leituras. O conjunto dos eixos teóricos forma os procedimentos teórico-conceituais da metodologia dessa pesquisa, referindo-se às opções realizadas no referencial teórico e aprofundadas ao longo da pesquisa.

Além dos eixos teórico-conceituais, a metodologia desta pesquisa também é composta por eixos de procedimentos operacionais, os quais abrangem: revisão bibliográfica; registro no diário de campo; visita ao Incra; contato com a Associação Quilombola Dona Edwirges (Quilombo dos Alpes) e seus principais líderes; retomada de contatos com ex-alunos moradores do quilombo; visitas exploratórias; contato com pessoas do quilombo; aplicação de formulário.

Há dois grandes grupos de estratégias metodológicas na realização do trabalho de campo: as estratégias de aproximação dos jovens e as estratégias de observação dos jovens. As *estratégias de aproximação com os jovens* incluem: observação participante; conversas informais; entrevistas semiestruturadas e acompanhamento das trajetórias. Já as *estratégias de observação dos jovens* referem-se à observação atenta e minuciosa, tanto do que é dito verbalmente e feito explicitamente, quanto do não-dito, os gestos, as entonações, os movimentos corporais, as pequenas coisas banais; produção textual; interpretação dos dados e informações coletados e/ou observado e produção de relato dos aspectos da interpretação.

Dessa forma, assume-se que essa pesquisa trará o encontro de duas culturas, a da pesquisadora e a dos pesquisados, e que também as culturas não são ilhas.

É importante destacar que essa metodologia não se encontra fechada, embora seja orientadora da forma como a pesquisa está sendo realizada. Acredito que o diálogo com os jovens do quilombo vai reorientar alguns pressupostos, bem como proporcionará outras revelações.

## **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COSTA, Rogério Haesbaert da. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares (org.). A grande Glória. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro; Ed. 34, 1995.

DIÓGENES, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galera e o Movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEHLEN, Ivaldo (Coord. Geral); LEITÃO, Leonardo Rafael Santos Leitão (Coord. Estudo). Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade Quilombola dos Alpes – Porto Alegre/RS. Porto Alegre: Laboratório de Observação Social, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dez. 2007.

GILROY, Paul. Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Felix. As três ecologias. Campinas: Papyrus, 1999.

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

POCHMANN, Marcio e AMORIN, Ricardo (orgs.). Atlas da exclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.